



AJEMEd multiplica-se em acções que visam aproximar a comunidade. FOTO DR

quias, juntas de freguesia ou instituições de apoio social), de forma a verificar possíveis acções de voluntariado a realizar com as mesmas. Neste âmbito serão cobertos os materiais de protecção básicos caso os voluntários não os possuam.

“Nesta iniciativa vamos colaborar com o campo de férias do Iate Clube de Santa Cruz, dinamizando uma formação junto dos jovens e adolescentes sobre os cuidados a ter na exposição solar; com a Casa de Apoio ao Sem Abrigo, nomeadamente na distribuição das refeições e preparação de cabazes alimentares; e com a ‘Cozinha de Afecto’ que é dinamizada pela Casa do Povo de Santo António”.

Joana Jardim não tem dúvidas que a formação em medicina tem a ganhar com este tipo de iniciativas. E, ainda que direccionadas para a comunidade, todas as acções constituem momentos de grande aprendizagem para os alunos de medicina. Aprendizagem essa que, conforme explica, é igualmente suportada pelas dezenas de formações promovidas pela AJEMEd-Madeira em parceria com médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, enfermeiros, entre outros profissionais ligados à saúde. “Todos os contributos são importantes para o nosso crescimento pessoal e profissional”, que, diga-se de passagem, é um percurso moroso, exigente e ao qual os jovens dedicam todo o seu empenho.

“A prática de uma medicina humanizada não dependerá somente de mim”

“Desde muito nova que sonhava em ter uma profissão na qual pudesse interagir diretamente com as pessoas, preocupar-me e cuidar delas e, se possível, ajudá-las a tornar a sua vida mais fácil. Com o passar do tempo, percebi que era a área da saúde que me cativava e optei, então, por seguir Medicina.

Hoje, e após dois dos longos anos que terei pela frente, mantenho-me fiel à ideia da minha infância e consciencializo-me, cada vez mais, da importância que a prática de uma Medicina Humanizada tem nas nossas vidas e, principalmente, na vida daqueles que procuram ajuda, tendo sempre plena noção

que a prática de uma medicina humanizada não dependerá somente de mim, enquanto futura profissional de saúde, mas sim de toda a equipa em volta do doente”.

Vera Silva
aluna do 3.º ano de medicina

“Acredito no ser humano que pode aliviar o sofrimento de outrém.”

A medicina mais voltada para o ser humano remonta aos primórdios da sua génese enquanto ciência, numa época em que não existia nem tecnologias nem técnicas para avaliar e tratar um doente. Os tempos mudaram e numa sociedade cada mais dependente do mundo tecnológico, torna-se imperativo fazer do doente a peça principal de todo o exercício da profissão nesta área. E como podemos fa-

zê-lo? Através da dedicação, da empatia, isto é, perceber que a outra pessoa está em sofrimento, despirmonos de qualquer preconceito outrora formado, dar e apenas querer receber um sorriso ou um sinal de como existe espaço para algo mais que não seja sofrimento.

Nem sempre os recursos permitem fazer o que é melhor para o doente, mas cabe-nos a nós, enquanto (futu-

ros) profissionais de saúde querer dar um passo extra pelo doente, mesmo que a exaustão cumulativa da profissão nos queira impedir. Acredito na ciência, mas acima de tudo, acredito no ser humano que pode aliviar o sofrimento de outrém.”

Ana Lima
vice-presidente da AJEMEd-Madeira e aluna do 4.º ano de Medicina

“Exercer com rigor e humanismo este tão nobre ofício”

A meu ver, um dos grandes desafios da Medicina atual versa sobre o acompanhamento do exponencial crescimento científico-tecnológico desta profissão sem descorar da sua vertente humanitária. Ora, se é certo que nas últimas décadas temos conseguido formar médicos cada vez mais competentes em termos de ‘hard skills’ (habilidades técnicas), também é certo que as ‘soft skills’ (habilidades comportamentais) nem sempre são laboradas com o primor que se deseja num ofício que prima essencialmente pelo contacto com o próximo.

Se atentarmos à etimologia da palavra “clínico”, do grego (“kliné: aquele que se inclina sobre o leito”), facilmente compreendemos que o papel do médico, desde cedo, se firma numa estreita relação médico-doente. É deste inclinar para ouvir o paciente, da capacidade de bem comunicar, de ser empático e respeitar a liberdade individual do outro, que vive o humanismo em Medicina. Pequenos diálogos, gestos simples, espaço para dúvidas e reformulação de termos da gíria médica em linguagem acessível são apenas alguns exemplos de como, pessoalmente, acredito ser

possível exercer com rigor e humanismo este tão nobre ofício. Foi precisamente esta possibilidade de aliar a curiosidade e interesse na Ciência Médica a uma prática altruísta da mesma que me aliciou à escolha desta carreira, e creio que, de igual forma, uma parcela, considerável e crescente, das gerações médicas mais jovens se debruça sobre esta temática e a procura aplicar na sua conduta quotidiana.

Jéni Quintal
Interna de formação geral no SESARAM